



Quase Memória: Quase Romance

Carlos Heitor Cony

[Download now](#)

[Read Online](#) ➔

Quase Memória: Quase Romance

Carlos Heitor Cony

Quase Memória: Quase Romance Carlos Heitor Cony

Quase Memória marcou a volta de Carlos Heitor Cony à ficção de forma consagradora, depois de mais de vinte anos afastado da literatura. A obra ganhou, em 1996, os prêmios Jabuti de Melhor Romance e de Livro do Ano, pela Câmara Brasileira do Livro.

Quase Memória é o quinto livro de Cony que a Objetiva lança desde julho de 2005, quando garantiu a exclusividade para relançamento da obra completa do autor, assim como para o lançamento de novos livros inéditos. Ponto alto na produção literária brasileira das últimas décadas, este romance explora o território entre a ficção e a memória a partir das reminiscências do autor sobre o pai morto. Nele, Cony mapeia minuciosamente a relação pai e filho: os sentimentos contraditórios, as alegrias e tristezas que não se esquecem, o afeto incondicional e, acima de tudo, a cumplicidade.

Quase Memória: Quase Romance Details

Date : Published 1995 by Companhia Das Letras

ISBN : 9788571644878

Author : Carlos Heitor Cony

Format : Board book 213 pages

Genre :

 [Download Quase Memória: Quase Romance ...pdf](#)

 [Read Online Quase Memória: Quase Romance ...pdf](#)

Download and Read Free Online Quase Memória: Quase Romance Carlos Heitor Cony

From Reader Review Quase Memória: Quase Romance for online ebook

Bel Cassinelli says

Uma história sobre a relação pai-filho. Um livro com uma escrita deliciosa, cheia de afeto, com trechos muito engraçados.

Vanessa says

Que livro bonito! As peripécias do Cony pai são engraçadíssimas. "Quase Memória" tem uma prosa certa e cheia de afeto.

Alliny Soares says

A pesar da escrita fluida e com dose certa de suspense e objetividade, considerando a proposta do livro, não foi uma leitura que conseguiu me prender ou me causar anseio para passar para o próximo capítulo... Talvez boa parte das minhas impressões negativas tenham advindo do fato de que esse livro não era o tipo de leitura que eu estava precisando do momento em que o li, ainda não cabia em mim.

Acredito que o livro tem que conversar com o leitor em vários aspectos e nada se compara à uma leitura que seja exatamente aquilo que você precisa em um dado momento.

A pesar dessa primeira impressão, realmente gostei da escrita de Cony, da forma como ele foi descamando memória por memória a partir de um fato inusitado, de como manteve o mistério envolto aos dois pacotes tão semelhantes que bem poderiam ser o mesmo, inclusive. Além da belíssima homenagem ao pai e à todas as suas peripécias.

Por tais motivos, pretendo dar outra chance a este livro no futuro, quando o meu estado de espírito me permitir conversar melhor com essa leitura.

adri patamoma says

minha mamis me indicou este livrinho, que ela leu nas férias e achou uma graça. pois bem -- achei uma graça, também! muito gostoso ler a maneira como o cony conta a sua história, intercalada à de seu pai -- e o livro trata disso, todinho ele: das memórias que o pai desperta no menino, e depois no adulto carlos. a gente termina a leitura querendo homenagear alguém querido assim: escrevendo nossas memórias com a pessoa amada...

Ladyce West says

A idéia de uma pessoa receber um pacote de seu pai dez anos depois da morte deste é maravilhosa e serve como grande abertura para a coletânea de memórias que se desencadeiam através do livro. A linguagem

como sempre acontece com Cony é direta e gostosa e neste livro em particular ele é lírico, poético e gentil. Mas faltou um travo, uma tensão que levasse esta leitora a apreciar com maior prazer a coletânea de crônicas. Faltou profundidade na análise do pai e certamente na análise deste filho em relação ao pai. Há horas de muito humor e de muita perspicácia na narração. O livro é um prazer de ler. Mas não precisa ser lido de uma tacada, de cabo a rabo, porque não há aquela tensão que faz com que se queira chegar ao fim. É simplesmente uma coletânea de crônicas belíssimas, poéticas mas superficiais que deixam de dar uma tridimensionalidade ao personagem principal -- o pai de Cony.

Alessandra Anyzewski says

É um livro sobre saudades de casa e dos pais. Por muito tempo pode parecer uma apanhado meio solto de histórias com quê imaginativo, contados de uma forma que me lembrou minha família. Mas existe uma linha discreta alinhavando tudo, de forma que, no final foi um livro (até hoje o único) capaz de me arrancar lágrimas indiscretas (vulgo: chorei pra cacete).

Adriana Scarpin says

Só tenho uma coisa a dizer sobre esse livro: Homens não admiram mulheres, homens só admiram outros homens.

Luis Antonio says

É o típico livro delicioso de se ler. Neste quase romance/quase memória, Cony recebe um embrulho que supõe ser de seu pai, morto há 10 anos. Através da observação do embrulho ele puxa as memórias que tem de seu pai.

Cada capítulo traz uma memória que, segundo o autor, mescla realidade com ficção. As passagens são emocionantes e divertidas. Ri demais ao ler a história do pé de manga.

Cony é fantástico. Escolhe as palavras precisas, descreve cenários com perfeição e entrelaça as histórias de modo magistral. Consegue, sobretudo, dispor as histórias nos capítulos sem seguir uma ordem cronológica e sem deixar confusas as memórias.

Leitura altamente recomendada desde grande escritor brasileiro!

Suellen Rubira says

Que maravilhosa essa quase memória. Cony faz com que fiquemos apreensivos com o tal do pacote recebido por ele, dez anos após a morte do pai, de maneira inusitada, mas, certamente, enviado pelo próprio pai. Numa dessas de ficar analisando o pacote, rememorando cheiros e estudando as técnicas de amarração do barbante, o autor, que é narrador e é personagem, nos faz conhecer seu pai, Ernesto Cony e as mais descabidas histórias. No capítulo 13, o Cony adivinhou meus pensamentos: eu estava claramente tomando-o

por um Proust enrustido, com aquela enxurrada de cheiros e sabores evocados por ele. Mas não era bem assim: "Se me metesse a escrever um livro sobre o que está acontecendo, alguém acharia nesse embrulho, vindo brutal e inesperadamente do passado, uma referência, associação ou plágio da madeleine de Proust - e aí me cobriam um romance. E como não há romance, além da pretensão, constatariam meu fracasso". Será que depois de Proust os escritores perderam o direito de ter seus narizes autênticos? Porque toda vez que tem cheiro, tem Proust. Seguindo...

Simpatizei muito com a figura do pai Cony. Um cara que fazia com entusiasmo as coisas simples e as coisas complexas. Como lição, fiquei com sua frase guardada na memória: "Amanhã farei grandes coisas!"

Eder Ribeiro says

Conheci o Cony pela sua crônicas na Folha de São Paulo, agora lendo o seu primeiro romance a minha admiração pela forma poética como escreve só fez aumentar.

Anderson De castro says

No fundo acho que gostei do livro por me identificar com as manias e métodos do pai. Pode ser que também tenha identificado muitos de meus familiares e amigos mais queridos nos capítulos onde a narrativa mostrava como é bom ter amigos, como é bom estar presente perante à família.

A verdade é que gostei mesmo do livro, pois me vi imerso nele. Imerso num mundo que aos poucos foi deixando de ser o mundo da história narrada pelo escritor e passando a ser meu próprio mundo. Aos poucos me lembro de muitas passagens narradas no livro que não estão no livro! Como pode isso? Eu não sei e olha que li todo livro, mas agora fico sem saber o que fazer. Tudo que li não está mais no livro! Tomo conhecimento de que o livro fala sobre mim, meus amigos, minha família...

Penso ter enlouquecido de vez, mas não. O que o livre fez de mim é ter uma quase memória daquilo que li, é ter inventado uma história paralela, a minha história. Como isso fora acontecer não sei explicar, mas que mal tem isso?

Obrigado Cony (já me considero íntimo), por narra tão brilhantemente suas quase memórias que agora, inexplicavelmente também são minhas.

Marina Medeiros says

Um livro que te faz refletir, principalmente sobre a relação que você possa ter com seu pai.

Acredito que não seja um livro para qualquer pessoa porque a escrita do autor não é a melhor do mundo, mas acho que li o livro na época certa da minha vida.

Gostei muito da leitura, tirei uma estrela porque acho que o livro tem MUITOS nomes de personagens que tanto faz, não precisava ficar repetindo tanto esses nomes.

Não é um livro triste - nem feliz na verdade - é um livro somente sobre memórias, sejam elas boas ou ruins. Pra ser sincera não sei o que me agradou no livro, e também não sei o que não me agradou. Mas eu gostei,

entende?

Gláucia Renata says

É uma espécie de livro de memórias (ou quase), em que Cony é o narrador, tendo como foco a figura de seu pai, o também jornalista (obscuro) Ernesto Cony. Aliás, que figurinha carimbada. Pai amoroso e sempre presente, cheio de ideias mirabolantes, o autor traz ao leitor suas lembranças junto a ele, presença ostensivamente marcante.

O livro se inicia com a entrega de um misterioso pacote a Cony que, apesar de não ter identificação traz todos os sinais de ter sido deixado pelo pai. O inusitado é que ele havia falecido havia 10 anos. Ele então se fecha em seu escritório, frente a frente com esse embrulho e a partir daí essas doces (outras nem tanto) lembranças vão aflorando.

Esse livro é tão gostoso quanto manga roubada do cemitério, segundo Cony-Pai as mais saborosas. Quanto sentimento de nostalgia me despertou. Mesmo se tratando das recordações de outra pessoa a narrativa acabou despertando também as minhas...

Nem tudo aqui é real, há uma mistura de ficção e realidade e pode ser encarado como um desafio distinguir uma da outra. Mas isso não fez diferença pra mim, o importante da memória é o doce e amargo sentimento que a nostalgia nos desperta.

"Amanhã faremos grandes coisas."

Histórico de leitura

28/11/2017

"Era um de seus lemas. Todas as noites, antes de dormir, se havia alguém por perto, ou se estivesse sozinho, sempre dizia em voz baixa, metade como compromisso, metade como prece: "Amanhã farei grandes coisas!""

"O dia: 28 de novembro de 1995. A hora: aproximadamente vinte, talvez 15 para a uma da tarde. O local: a recepção do Hotel Novo Mundo, aqui ao lado, no Flamengo."

Moab Lopes says

Algumas boas risadas, um pouco de oportuna revisão da história republicana do Brasil - uma sucessão de golpes - e um razoável cansaço decorrente de inícios repetitivos de capítulos. Em suma, um quase bom livro.

Adilson says

Li uma ou outra crônica de Carlos Heitor Cony. Esse é o primeiro romance que leio dele. Meio que uma mistura de crônica, antologia, ficção... Acima de tudo é uma prazerosa e, porque não, cômica leitura.

